

A coluna do Alvorada: modernidade e colonialidade

Lia Tostes

Superpostas a listras nas cores nacionais, verde e amarelo, duas fotografias em preto e branco da maquete de um palácio ilustram a capa do sexto exemplar da revista *Módulo* em dezembro de 1956. Essas imagens seriam o primeiro registro da nova capital. O palácio da capa é o Palácio da Alvorada, cuja coluna se tornou a epítome de um grupo de símbolos codificados relacionados a um senso de orgulho nacional apartidário (SEGRE, 1977).

Além de sua existência como coluna, souvenir ou peça de design amplamente ilustrada e reproduzida, onde está a coluna agora? Sessenta anos depois, que tipo de discussões ela ainda provoca? Para explorar isso, sugiro mergulhar em um par dicotômico na historiografia da arquitetura brasileira: modernidade e colonialidade.

Teóricos modernistas brasileiros, como Lucio Costa ou Paulo Ferreira Santos, relacionam o Brasil Colonial ao verdadeiro período de uma brasilidade ideal: "É no interior profundo dos sertões brasileiros, nas fronteiras do império colonial, que uma arquitetura mais autêntica, mais pura, foi preservada, sem os maneirismos dos centros urbanos"(TAVARES, 2021). O colonial, portanto, não deve ser confrontado, mas sim referido.

Usando a coluna do Alvorada como nossa bússola, ligações claras entre o moderno e o colonial foram estabelecidas desde o início, tanto pelo autor do projeto quanto pelos teóricos acima mencionados. A referência foi feita à Fazenda do Colubandê – a casa de fazenda de uma das mais importantes plantações de cana-de-açúcar do Rio no século XVIII. Nas palavras de Niemeyer (2000): "(...) o Palácio aludia coisas do passado. A horizontalidade da fachada, a generosa varanda que a protege e a capela ao lado nos lembram todas as nossas velhas fazendas (...)."

Mais recentemente, essa controvérsia arquitetônica anedótica foi reacendida pela artista brasileira Lais Myrrha. A coluna surge em vários de seus trabalhos como ponto de partida para outras digressões sobre identidade nacional, trazendo à baila discussões sobre a modernidade brasileira e as suas bases coloniais.

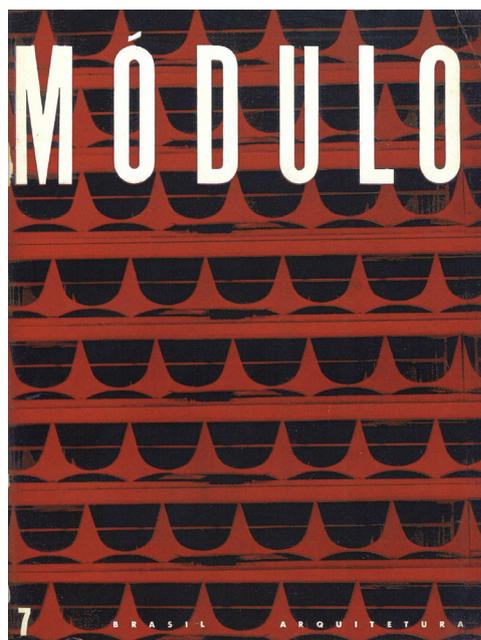
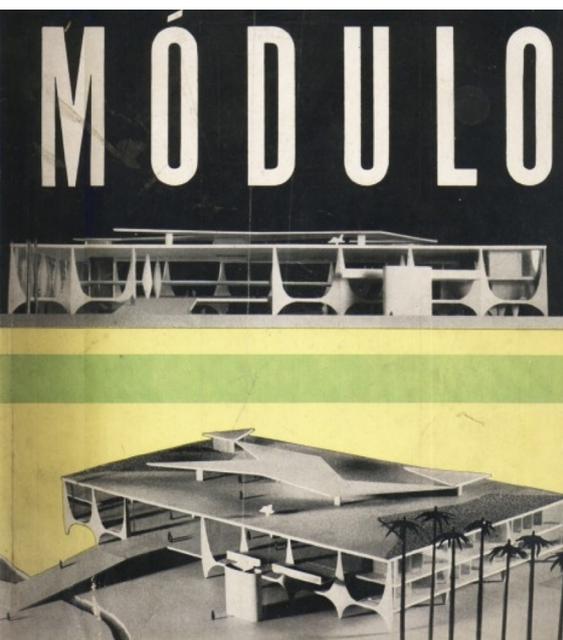
Em sua instalação intitulada 'Estudo de Caso' para a Bienal de Gwangju 2018, na Coreia do Sul, Myrrha dispôs um modelo da coluna do Alvorada, em gesso e escala 1:1, apoiado e sustentado, em equilíbrio tênue, em um modelo da coluna do Colubandê, de mesma escala e material. Em obra posterior, de 2019, a artista mineira ilustra, em guache, cenas do escrito indiano, *Kama Sutra*, em que ambas colunas substituem as figuras humanas.

Há nessas obras e na reflexão uma pergunta não resolvida: como um projeto de modernidade poderia ser baseado em um legado colonial tão sombrio como a instituição casa-grande?

Parece que o projeto brasileiro de modernidade se arraiga, conceitualmente e materialmente, na colonialidade, deixando inevitavelmente para trás narrativas minoritárias. Na marcha de desenvolvimento do Brasil, encapsulada por Brasília, muitas comunidades marginalizadas podem ser identificadas. É difícil listá-las todas.

Certamente inclui a espécie de roedor, *Juscelinomys candango*, provavelmente extinta nas grandes terraplanagens durante a construção e ocupação de Brasília (FAUSTO, 2014), e as condições precárias de vida e trabalho a que uma comunidade de 40.000 trabalhadores foi submetida. Nas palavras de Fernando Luiz Lara (2019): "não há modernização sem colonização".

Seguindo a trajetória da coluna e suas diversas 'vidas', atrevo-me a afirmar que a pintura de Niemeyer de 1964, em que as colunas do Alvorada aparecem tombadas e em ruínas, há tantos anos oculta e exibida pela primeira vez apenas em 2017, revela que o ponto de inflexão na trajetória da nossa modernidade se mostrou em menos de uma década da inauguração do palácio.



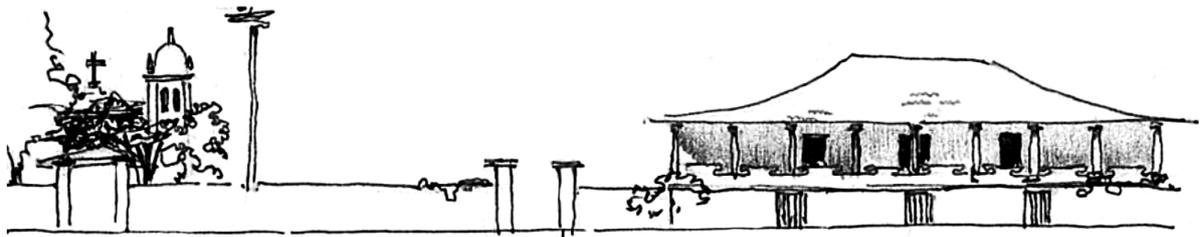


BRASÍLIA NA HISTÓRIA DO BRASIL.
Na viagem pela história do Brasil, os passageiros adquirem importante escala: Brasília, realizada dentro do impetuoso mural que inclui as vitórias. 21 de Abril de 1960 marcou o início da total independência econômica de nossa terra. Brasília é uma revolução política e social — povos grandes espaços demográficos, fora com que todas regiões participem ativamente da economia nacional. Brasília é realização de gigantes que ultrapassam o mundo. É um dos marcos mais importantes de toda a história brasileira. A partir de 21 de Abril: Brasília, capital Brasileira!

A REAL NA HISTÓRIA DE BRASÍLIA
A aviação comercial brasileira entra para a história, junto com a nova capital, pelas asas da REAL. Primeira a servir Brasília, com 100 lugares em 84 cidades, a REAL transformou sua sede em Anápolis, Brasília, que terá sua sede e moderníssima instalações na nova capital do Brasil. Poderá, assim, servir melhor ainda a nossa povo e a nosso país. Isso deve ao grande presidente Juscelino Kubitschek, a quem presta seu reconhecimento.

Aviação Brasileira
REAL
AVIAÇÃO BRASÍLIA





CASA DE FAZENDA DE COLUMBANDÊ - SÃO GONÇALO. ESTADO DO R.J.
SÉCS. XVIII - XIX P. R.C.



O. NIEMEYER - PALÁCIO DA ALVORADA - BRASÍLIA
SÉC XX

